



Para a psicanálise a palavra é, ainda hoje, o tratamento

“Doutora, não sei o que eu faço aqui. Eu só falo, mas as coisas mudam!”

Esse é um dito de um paciente que não tem familiaridade com a psicanálise. Chega por um mal-estar que não sabe explicar bem e que se apresenta, sem que ele consiga dizê-lo, como angústia. Sendo do mundo das exatas não tem muito traquejo com as palavras. Elas saem duras, sem muitas articulações. No entanto, ao ser convidado a falar e a associar algo se desloca, movimentando as lembranças de uma infância tão seca quando sua dificuldade em dizer. A angústia melhora à medida que ele fala e constrói outros caminhos que não apenas os desenhados pelo fantasma. Esse movimento Freud já tinha nomeado, pela voz de sua histérica, como “Talking cure da limpeza de chaminé¹. A análise movendo aquela fuligem provocada pelos não ditos do trauma que se acumulam e afetam o *falasser* em seu corpo e laços.

Mas não são quaisquer palavras, é preciso extrair algo de “Um dizer” que mova as entranhas² de modo que algo muda na estrutura daquele que fala. Tudo começou na escuta afiada do psicanalista vienense e foi retomado pelo francês a partir inicialmente da linguística estrutural que nos ensina como o inconsciente se utiliza da estrutura da linguagem para se apresentar naquilo em que ela rateia, escorrega e fal(h)a. Se Freud destrona o consciente do comando das ações humanas, Lacan insiste que a prática da psicanálise acontece pela fala do paciente onde o analista busca escutar um Dizer que se diga por traz do que é dito³.

Mas como fazer a angústia falar? Essa é a pergunta diária em nossos atendimentos, a principal tarefa de um psicanalista. Freud pergunta⁴: “Como uma coisa se torna pré-consciente?” E responde: “Vinculando-se às representações verbais que lhe são correspondentes.” A palavra é esse meio pelo qual o trabalho de análise opera, essa é a

¹ FREUD, S. Estudo sobre histeria, 1892-95.

² FREUD, S. O eu e o Isso, 1923.

³ LACAN, J. Aturdido in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

⁴ FREUD, S. op.cit.



primeira aposta. É no corte dos significantes que algo da angústia se dissolve. No entanto, qual angústia?

Costumamos falar da angústia como se fosse uma entidade única. No entanto, não basta falar que está angustiado para que se trate de angústia, até porque, essa palavra já caiu na boca do povo. Em RSI⁵ Lacan retoma a questão e diz: “angústia é isso, é o que é evidente, o que do interior do corpo ex-siste, ex-siste quando há algo que o desperta, o atormenta”. Temos aí uma primeira indicação: a angústia é isso que do corpo ex-siste, que podemos ler como aquilo que escapa ao corpo, extrapola, aquela roupa que não cabe e aperta, desconforta.

Temos o embaraço, aquela forma leve de angústia que faz mal, mas não movimenta. Comum à inibição que conserva a estagnação como “um sintoma posto no museu”.⁶ Na clínica a queixa de ter uma espécie de tontura, mal-estar inespecífico associado, de que “não sai do lugar”, “preferir o conforto” ecoam esse modo de angústia que não é o suficiente para que o sujeito se movimente.

A angústia também pode se associar ao sintoma e produzir ora a passagem ao ato ora o acting-out. A passagem ao ato nesse máximo de movimento do sintoma na linha da angústia e o Acting-out localizado entre o sintoma e a angústia como pedido de interpretação. Lacan se utiliza do caso da Jovem Homossexual e o de Dora para exemplificar essas duas figuras clínicas. A primeira se jogando frente ao olhar do pai e a segunda no “embaraço em que é colocada pela frase-armadilha ... minha mulher não é nada para mim.”⁷ É neste momento que tanto a uma quanto a outra evadem da cena. A angústia é como um fogo com o qual o analista precisa estar atento ao lidar. Por um lado, ela é o motor da análise e por outro também pode mover à essas ações que jogam o sujeito para fora da cena.

⁵ LACAN, J. Seminário 22 – RSI. Edição não comercial destinada aos membros da EPFCL - Fórum do Campo Lacaniano em SP 2022. p. 61.

⁶ LACAN, J. Seminário, livro 10: a Angústia; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 19.

⁷ Idem p. 130.



Em Nice Lacan soma à existência evidente do tormento do corpo a dimensão e efeito da palavra que o afeta, ele diz:

“O afeto, o que é? ... Os pretensos afetos só testemunham, na realidade, da afetação daqueles que falam disso. O que é que faz a emoção? Acham que são as tripas que se mexem? Por que elas se mexem? Mexem-se pelas palavras. Não há nada que mais afete aquele que qualifiquei de ser falante.”⁸

Nisso podemos voltar ao que Soler⁹ relembra “A angústia é um afeto, isso significa que ela não é uma emoção, nem uma comoção, tampouco é uma inibição, nem um impedimento, mas, que entre a emoção e o embaraço, é um afeto (...) o afeto não recalcado está à deriva, isto é, desloca-se e o que é recalcado são efetivamente os significantes”. A angústia é isso que está à deriva, sem palavras. Fazê-la falar é tratar o sintoma pelo que ele é: um enroscado de significantes. E o trabalho do analista é pôr o sujeito a falar para que ele possa escutar isso que escapa e deixar entrever o que está encoberto provocando esse mal-estar.

Com o nó borromeano, Lacan consegue elçar RSI de modo que ele os registros se mantenham equivalentes. A angústia será apresentada¹⁰ como um nome Real e ainda como isso que avança do Real sobre campo Imaginário que é o corpo. Ele a define como a “parte do Real, é deveras sensível ver que é essa angústia que vai dar sentido à natureza do gozo que se produz aqui [JΦ]”. Temos essa especificidade da angústia como o que dá a direção à natureza desse gozo que é fora do sentido. O tratamento pela palavra não visa dar o sentido que falta, mas chegar ao ponto de que não se diz a última palavra, a verdade toda, mas se bordeia o indizível.

Uma análise é uma forçagem disso que apesar de ex-sistir ao Simbólico, pode ser bordeado por ele. Ao fim e ao cabo é um tocar o real com o real¹¹ pela insistência da fala.

⁸ LACAN, J. Conferência de Nice, in: Textos complementares ao Seminário 22 – Edição não comercial destinada aos membros da EPFCL – Fórum do Campo Lacaniano em SP, p. 87.

⁹ SOLER, C. Seminário de leitura de texto, ano 2006-2007 – São Paulo: editora Escuta, 1004, p. 24.

¹⁰ Seminário XXII

¹¹ Lacan J ...ou pire, Relatório do seminário de 1971-72, in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.545



Uma aposta de que a pulsação de lalíngua faça vibrar um novo som diferente daquele tocado pelas cordas do fantasma. Borda de “palavra como pele sobre uma água profunda”.¹²

Glaucia Nagem

SP 28 de fevereiro de 2024

¹² CAMPOS, Haroldo. Como quem escreve um livro. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cjGbutgUNVo>